

Karoline Salles de Oliveira
Escritora

INGLÊS E EDUCAÇÃO BILÍNGUE *Para Crianças*



VERSÃO EM PORTUGUÊS



KAROLINE SALLES DE OLIVEIRA

Inglês e Educação Bilíngue para Crianças.

São Paulo, SP

2021

Inglês e Educação Bilíngue para Crianças.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar o crescimento da língua inglesa na primeira infância no Brasil e os programas bilíngues que estão sendo oferecidos na Educação Bilíngue Brasileira atualmente. O objetivo principal deste artigo é discutir os processos de bilinguismo na primeira infância, principalmente em nosso país onde o Inglês é a língua minoritária, a fim de auxiliar profissionais da área, como escolas bilíngues, professores e coordenadores de inglês, também pesquisadores e pais, oferecendo uma melhor compreensão da língua inglesa na primeira infância.

Palavras-chave: Primeira infância; Bilinguismo; Inglês; Segunda língua.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, a língua inglesa vem sendo introduzida na vida das crianças desde cedo no Brasil e ao redor do mundo. A introdução ao inglês durante a infância pode ser apresentada por meio de escolas e programas bilíngues ou por pais bilíngues. A escolha de criar uma criança bilíngue é feita pela família, porém alguns pais não sabem a importância que o inglês como segunda língua pode ter para seus filhos e porque aprendê-lo desde cedo pode ajudar na aquisição de uma segunda língua de maneira eficaz.

Recentemente, o número de escolas bilíngues tem crescido no Brasil. O bilinguismo é uma área que vem crescendo rápido no ensino brasileiro e é um campo novo de discussão, especialmente no nosso país. Existem poucos estudos sobre o assunto e por ser uma área pouco explorada e debatida no país, o termo bilinguismo acaba sendo confuso. Muitas pessoas não sabem quem pode ser considerado bilíngue ou não, não sabem se expor a criança a uma segunda língua (L2) é benéfico ou não para o seu desenvolvimento linguístico, e se preocupam se o aprendizado de uma segunda língua pode interferir negativamente no desenvolvimento da primeira língua (L1). Cada escola bilíngue oferece um diferente tipo de programa bilíngue e não há evidências qual tipo de programa é mais efetivo para o desenvolvimento do inglês como segunda língua durante a infância. Por esses motivos os pais não sabem o que esperar de uma educação bilíngue, qual tipo de programa bilíngue escolher e como o processo de aquisição de uma segunda língua funciona.

A fim de compreender essa nova tendência do inglês na primeira infância e o fenômeno do bilinguismo que ocorre atualmente na educação brasileira, este artigo utilizará uma abordagem qualitativa por meio de uma combinação de estudos como Educação Bilíngue no Brasil (2019) de Antonieta Megale, Bilinguismo no Brasil: significado e expectativas (2009) de Marcelo Marcelino, Early Childhood Education in English Speakers of Other Languages (2016) de Victoria A Murphy e Maria Evangelou, Children Learning Second Languages (2011) de Annamaria Pinter, English as Global Language (2003) de David Crystal, Second language Acquisition (2016) de Roumyana Slabakova, entre outros. Inicialmente foi levantada a questão de por que o inglês

como segunda língua? Seguida pela apresentação de um breve resumo da história da língua inglesa e, por fim, serão discutidos os tópicos: Bilinguismo e Indivíduo Bilíngue; Inglês na Primeira Infância; Educação Bilíngue Brasileira; As Escolas Brasileiras e Seus Programas Bilíngues.

Portanto, o seguinte estudo vem a responder a principal pergunta: Devido a globalização e o fato do inglês ter se tornado uma língua universal, as crianças estão sendo introduzidas a língua inglesa desde cedo para que elas estejam preparadas para viver em um mundo globalizado; pensando nesse objetivo, seria bom para uma criança desenvolver a L2 desde cedo e, se sim, quais os benefícios e vantagens de se começar o estudo do inglês desde a infância e quais as melhores práticas e programas para o desenvolvimento da L2 em um país estrangeiro?

POR QUE O INGLÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA?

Segundo uma pesquisa realizada pelo British Council em 2016, “Uma série pesquisas tem identificado o crescimento internacional do fenômeno onde diferentes formas de educação são oferecidas por meio de falantes de inglês para não falantes” (BRITISH COUNCIL, 2016, p.4, tradução nossa) . Crystal (2003, p.5. tradução nossa). também comenta esse novo acontecimento em seus estudos:

O inglês é agora a língua mais amplamente ensinada como língua estrangeira - em mais de 100 países, como China, Rússia, Alemanha, Espanha, Egito e Brasil - e na maioria desses países está emergindo como a principal língua estrangeira a ser encontrada no escolas, muitas vezes substituindo outro idioma no processo. .

¹Citação original: “A number of research studies have identified a growing international phenomenon where different forms of education are offered through the medium of English to non-English speakers” (BRITISH COUNCIL, 2016, p.4)”

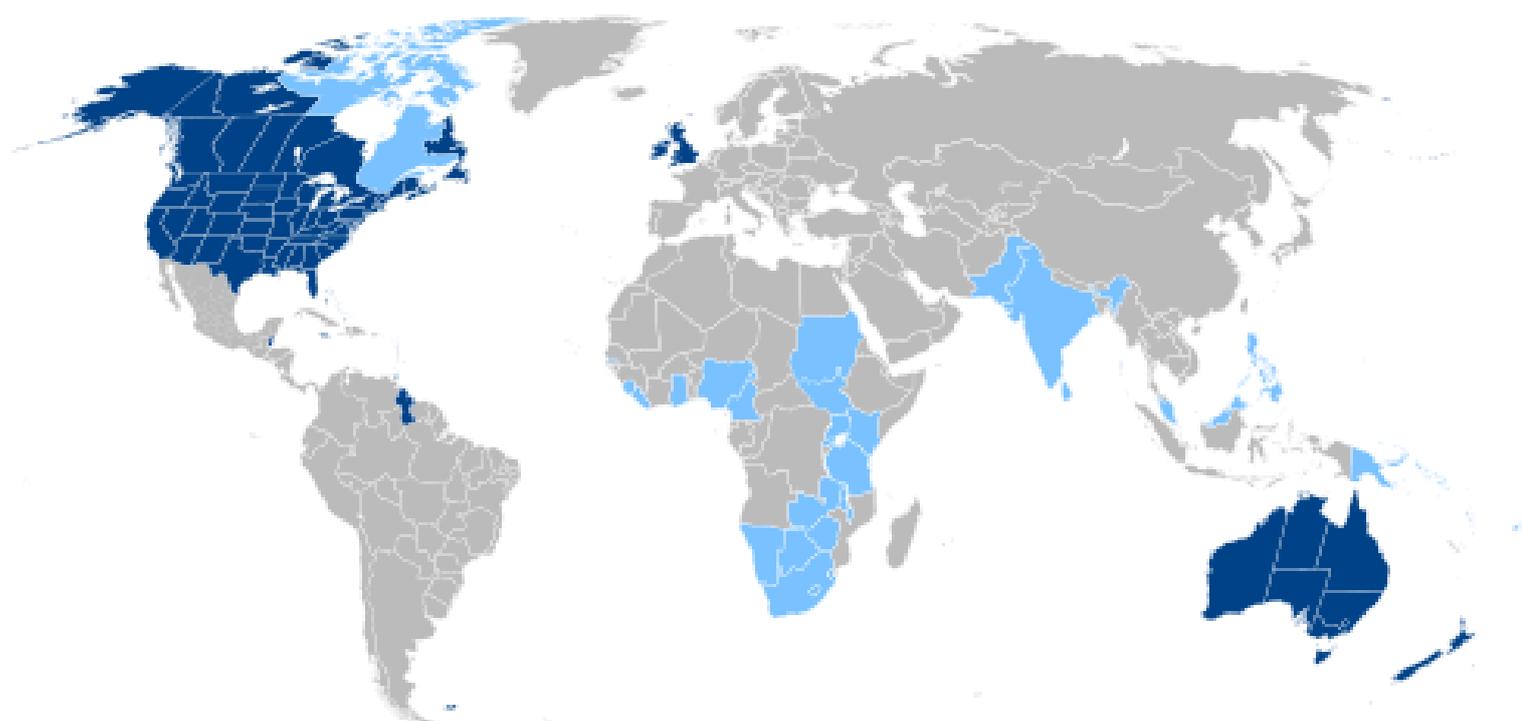
² Citação original: “English is now the language most widely taught as a foreign language – in over 100 countries, such as China, Russia, Germany, Spain, Egypt and Brazil – and in most of these countries it is emerging as the chief foreign language to be encountered in schools, often displacing another language in the process. (CRYSTAL, 2003, p.05).

Esse fenômeno mencionado pelos autores também vem acontecendo atualmente no Brasil, o número de escolas bilíngues que ensinam por meio do inglês vem crescendo. Bilinguismo é uma área que vem crescendo rápido principalmente na educação e em especial na educação infantil, também vem sendo o tipo de educação que os pais têm procurado, como concorda Marcelino (2009): “O crescimento do bilinguismo no Brasil evidencia um desenvolvimento na educação e uma demanda mercadológica pressionada pelos pais de alunos de escolas regulares”.

Somos totalmente livres para escolher o idioma que queremos aprender como segunda língua, mas quando nos encontramos em grandes cidades, especialmente nas maiores como São Paulo, é possível notar que atualmente estamos cercados por escolas bilíngues ou internacionais que ensinam ambas as línguas, português e inglês. Também existem diversos cursos de inglês focados em ensinar o idioma como língua estrangeira para pessoas que desejam aprendê-la e alcançar um bom nível de proficiência na língua.

A língua inglesa é a mais falada ao redor do mundo se considerarmos os falantes de inglês como língua materna e como língua estrangeira como Murphy e Evangelou (2016, p.4, tradução nossa) afirmam: “Mais pessoas (ou seja, o número total de falantes) falam inglês em todo o mundo do que qualquer outra língua (aproximadamente mil e quinhentos milhões)”. O problema é quando perguntamos para as pessoas que trabalham com o idioma como segunda língua “por que o inglês?”; nem mesmo os professores de inglês não sabem como responder seus alunos quando a questão é levantada. A resposta mais comum é que o inglês pode proporcionar boas oportunidades na vida profissional e social, mas alguns dos não falantes do inglês como língua materna não sabem o que há por trás e os verdadeiros motivos que levaram a língua inglesa ao seu status global.

³ Citação original: “More people (i.e. total number of speakers) speak English around the world than any other language (approximately one thousand five hundred million” (MURPHY; EVANGELOU, 2016, p.4).



RESUMO DA HISTÓRIA DA LÍNGUA INGLESA

Inicialmente, a língua inglesa se espalhou ao redor do mundo através da colonização britânica e, anos depois, devido ao poder econômico dos Estados Unidos no século XX, como mencionado por Crystal (2003, p.59). A maior parte do Império Britânico começou no final do século XVIII, no período de revolução industrial. De 1750 até 1850, o império cresceu e adicionando cerca de 20 territórios. O império britânico controlava Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Tonga, Fiji, Samoa Ocidental, Índia, Myanmar, Papua-Nova Guiné, Malásia, Sarauaque, Brunei, Oman, Iraque, Egito, Líbia, Sudão, Quênia, Uganda, Rodésia do Norte e do Sul, Tanganica, Zanzibar, Ilhas Maurício, Maldivas, África do Sul, Essuatíni, Nigéria, Costa do Ouro, e Serra Leoa. Também foram colonizadas uma parte dos Estados Unidos e da China. Devido a colonização, esses países foram influenciados pela língua inglesa, por esse motivo o inglês começou a ser falado nesses países.

Nos dias de hoje continuamos a vivenciar a influência da língua inglesa, como mencionado anteriormente, devido ao poder econômico dos Estados Unidos, “tal domínio, com seus fundamentos político/econômicos, atualmente dá aos Estados Unidos o controle da forma como a língua provavelmente se desenvolverá” (CRYSTAL, 2003, p.60, tradução nossa) . O inglês americano é particularmente mais influenciável devido a dominância dos Estados Unidos nas indústrias do cinema, televisão, TI, entre outras

Com certeza o inglês é uma língua global, diriam. Você ouve na televisão, falado por políticos do mundo todo. Para onde quer que você viaje, verá placas e anúncios em inglês. Sempre que você entrar em um hotel ou restaurante em uma cidade estrangeira, entenderão o inglês e haverá um menu em inglês. (CRYSTAL, 2003, p.2) .).

Existem três maneiras que podemos reconhecer a língua inglesa ao redor do mundo: a primeira é quando o inglês é a língua materna do país; a segunda quando o inglês é uma das línguas oficiais de um país e a terceira quando é “priorizado o ensino de uma língua estrangeira em um país, embora essa língua não tenha status oficial” (CRYSTAL, 2003, p.4, tradução nossa) e esse é o caso do Brasil atualmente. Crystal (2003, p.3, tradução nossa) comenta que “Uma língua alcança um status genuinamente global quando desenvolve um papel especial reconhecido em todos os países” e esse é o atual status alcançado pela língua inglesa ao redor do mundo devido ao seu reconhecimento global.

⁴ Citação original: “such dominance, with its political/economic underpinnings, currently gives America a controlling interest in the way the language is likely to develop” (CRYSTAL, 2003, p.60)

⁵ Citação original: “Of course, English is a global language, they would say. You hear it on television spoken by politicians from all over the world. Wherever you travel, you see English signs and advertisements. Whenever you enter a hotel or restaurant in a foreign city, they will understand English, and there will be an English menu”. (CRYSTAL, 2003, p.2).”

Inglês e Educação Bilíngue para Crianças.

BILINGUÍSMO E O
INDIVÍDUO BILÍNGUE

Atualmente, existem muitas definições de bilinguismo, se procurarmos seu significado, em inglês, no Cambridge Dictionary, encontramos o seguinte: “o fato de ser capaz de utilizar duas línguas igualmente bem” (BILINGUALISM, 2020, tradução nossa) . A definição dada pelo dicionário é muito similar a famosa definição de bilinguismo: “Nos casos os quais a aprendizagem perfeita da língua estrangeira não é acompanhada da perda da língua nativa, se resulta no bilinguismo, o controle nativo de duas línguas.” (BLOOMFIELD, 1933 apud MARCELINO, 2009, tradução nossa) . Em sua pesquisa, Grosjean (2008, p.10, tradução nossa) . sugere que antes de começarmos a discussão sobre o assunto, precisamos entender o que os termos Bilinguismo e Bilíngue significam; de acordo com o autor “Bilinguismo é o uso regular de duas ou mais línguas (ou dialetos), e bilíngues são aquelas pessoas que usam duas ou mais línguas (ou dialetos) no cotidiano”. Alguns estudos definem bilinguismo como a proficiência em ambas as línguas e outros pela proficiência na língua falada (GROSJEAN; BYERS-HEINLEIN, 2018, p.5).

Marcelino (2009) em seus estudos traz outras definições de outros autores sobre o indivíduo bilíngue e chega à conclusão que, com todas essas ideias e definições sobre o bilinguismo, percebe-se certa dificuldade em fazer uma caracterização sobre quem é bilíngue. Marcelino (2009) acredita que todos os tipos de bilíngues podem ser classificados pela aquisição da língua. Para ele, é possível classificar como simultâneos ou consecutivos. As definições de bilinguismo são amplamente discutidas e contestadas pelos especialistas, porque algumas definições excluem a maioria dos falantes de uma segunda língua por não possuírem proficiência nativa em uma das línguas. Como mencionado, existem muitas definições sobre bilíngues e devemos pensar sobre o assunto com clareza, pois, dependendo do que consideramos um parâmetro para ser bilíngue, podemos excluir a existência de muitos indivíduos bilíngues.

¹¹Citação original: “The bilingual uses the two languages—separately or together—for different purposes, in different domains of life, with different people. Because the needs and uses of the two languages are usually quite different, the bilingual is rarely equally or completely fluent in the two languages. Levels of fluency in a language will depend on the need for that language and will be extremely domain specific, hence the “fossilized” competencies of many bilinguals in each of their two languages[...]” (GROSJEAN, 2008, p14).

O bilíngue usa as duas línguas - separadamente ou juntas - para diferentes propósitos, em diferentes domínios da vida, com pessoas diferentes. Como as necessidades e os usos das duas línguas são geralmente bem diferentes, o bilíngue raramente é igual ou totalmente fluente nas duas línguas. Os níveis de fluência em um idioma dependerão da necessidade desse idioma e serão extremamente específicos do domínio, daí as competências “fossilizadas” de muitos bilíngues em cada uma de suas duas línguas [...] (GROSJEAN, 2008, p.14, tradução nossa).

Qualquer pessoa que consegue se comunicar em duas línguas pode ser considerada bilíngue, mesmo que não possua a mesma proficiência em ambas as línguas. Bilíngues podem ter performances diferentes em línguas diferentes; por exemplo, imagine um imigrante em um país estrangeiro, esse indivíduo utiliza apenas a L1 em casa com seus pais e sua família, mas fora de seu país de origem, esse mesmo indivíduo usa apenas a L2 na vida escolar ou profissional, é mais provável que esse indivíduo bilíngue se comunique melhor na L1 em uma conversa com a família ou em casa, mas quando se trata da vida escolar ou profissional, o indivíduo irá se comunicar melhor usando a L2

Inglês e Educação Bilíngue para Crianças.

INGLÊS NA PRIMEIRA
INFÂNCIA

Crianças podem se tornar bilíngues desde o nascimento ou alguns anos depois por diferentes razões. Elas podem crescer em famílias bilíngues, suas famílias podem se mudar para outro país ou seus pais querem oferecer uma educação bilíngue para terem melhores oportunidades no futuro, uma vez que moramos em um mundo globalizado onde a língua inglesa se tornou uma língua global (CRYSTAL, 2003). Outra razão para a criança aprender a L2 desde a primeira infância, de acordo com a pesquisa de Murphy e Evangelou (2016, p.10, tradução nossa) é a “crença generalizada que ‘quanto mais novo é melhor’ quando se trata de aprender uma língua”. Crianças que começam a aprender a L2 desde o nascimento são chamadas de bilíngues simultâneas. A aquisição simultânea ocorre quando a aquisição da língua “A” ocorre ao mesmo tempo que a aquisição da língua “B”. E o bilíngue consecutivo é quando a aquisição da língua “B” ocorre após a aquisição da língua “A” (MARCELINO, 2009).

Hoje em dia existe uma discussão sobre o bilinguismo na primeira infância. Existem alguns estudos que argumentam que não é bom a criança ser exposta a uma L2 desde pequena porque o processo para se tornar bilíngue pode ser confuso para o cérebro da criança. Por outro lado, outros estudos afirmam que expor a criança a L2 desde a infância essa criança tem mais chances de se tornar nativa ao idioma ou atingir um bom nível de proficiência na língua inglesa. Em seus estudos sobre bilinguismo precoce, Murphy e Evangelou (2016, p.12, tradução nossa) falam que: “Não há nenhuma razão inerente para que isso seja problemático, já que muitas pesquisas têm mostrado que não há impedimentos cognitivos para crianças pequenas aprenderem mais de uma língua”. As crianças não ficam confusas com os idiomas, “Igual a adultos bilíngues, crianças bilíngues podem misturar palavras de suas duas línguas na mesma frase ou conversa.” (GROSJEAN, BYERS-HEINLEIN, 2018, tradução nossa). O que acontece com uma pessoa bilíngue, sendo ela uma criança ou adulto, é que no começo do processo de aprendizado da L2 é normal misturar as duas línguas quando estão se comunicando. Quando a pessoa bilíngue não sabe a palavra em uma língua, ela irá tentar falar na outra, isso é chamado de code mix ou code switch, de acordo com Byers-Heinlein e Lew-William (2013, tradução nossa) “code mixing é uma parte normal no desenvolvimento bilíngue, e crianças bilíngues podem ter bons motivos para fazerem o code mix”.

¹² Citação original: “widespread belief that ‘younger is better’ when it comes to language learning” (MURPHY; EVANGELOU, 2016, p.12).

Não há dúvidas que quanto mais cedo uma criança é introduzida a uma segunda língua melhor como dizem Byers-Heinlein e Lew-William (2013) “nossos cérebros são mais receptivos a uma língua no início da vida” e temos as contribuições da Hipótese do Período Crítico (CPH, sigla em inglês) que mostra que existe um período crítico em nossa vida em que a aquisição da L1 e L2 é possível, esse período ocorre de 2 anos até a puberdade segundo a teoria de Lenneberg. Pesquisadores mostram que se uma criança por alguma razão não tem um bom desenvolvimento linguístico desde o nascimento e começa a aprender após a puberdade, essa criança terá dificuldades em atingir um bom nível de proficiência na L1 (PINTER, 2011, p.50) e o mesmo pode ocorrer com a L2, de acordo com Birdsong (1999 apud PINTER 2011, p.66, tradução nossa).

“Em sua formulação mais sucinta e teoricamente neutra, o CPH constata que há um período de desenvolvimento limitado no qual é possível adquirir uma língua, seja L1 ou L2, para níveis normais, semelhantes ao nativo”. Quando as pessoas começam a aprender a L2 após a puberdade, ou melhor dizendo, após o período crítico de aprendizado, o processo de aquisição de uma língua pode se tornar difícil. Existem um outro ponto a ser discutido relacionado ao bilinguismo precoce: quando uma criança é introduzida a uma nova língua, essa criança precisa continuar a ser exposta a L1. Caso contrário, essa criança pode perder alguma das línguas, seja L1 ou L2, que não se é ouvida com frequência; isso é chamado de atrito linguístico. Por causa dessa perda de desenvolvimento em uma das línguas, é importante valorizar as duas (GROSJEAN; BYERS-HEINLEIN, 2018, p.14). É importante mencionar que não é impossível aprender uma segunda língua quando adulto, e após o período crítico, mas o caminho para adquirir a L2 se torna um pouco mais difícil do que quando criança, especialmente no que diz a

¹³ Citação original: “There is no inherent reason for why this should be problematic, as much research has shown that there are no cognitive impediments to learning more than one language in young children” (MURPHY; EVANGELOU, 2016, p.12)

¹⁴ Citação original: “code mixing is a normal part of bilingual development, and bilingual children actually have good reasons to code mix” BYERS-HEINLEIN; LEW-WILLIAM, 2013)

¹⁵ Citação original: “our brains may be more receptive to language earlier in life” (BYERS-HEINLEIN; LEW-WILLIAM, 2013)

¹⁶ Citação original: “In its most succinct and theory-neutral formulation, the CPH states that there is a limited developmental period during which it is possible to acquire a language, be it L1 or L2, to normal, native-like levels” (PINTER, 2011, p.66 apud BIRDSONG, 1999)

respeito da pronúncia de palavras. Um adulto recebe informações na L1 por um longo período durante a vida, então a L1 com certeza irá influenciar a L2 como Slabakova (2016, p.90, tradução nossa) reafirma em seus estudos “Em suma, a ideia é que quanto mais a gramática da língua nativa é estabelecida (enraizada) na mente/cérebro do aluno, mais difícil se torna a aquisição comparável de uma segunda língua”.

Quando falamos em aquisição de segunda língua (SLA, sigla em inglês) na primeira infância, existe um detalhe que não se pode deixar de discutir, o tempo que a criança é exposta a língua alvo. A exposição a língua alvo é o que chamamos de input. Em seu livro *Second Language Acquisition*, o autor Slabakova defende a ideia de que o input é mais importante do que a idade que começamos a aprender a L2: “Manter um input linguístico completo e diversificado na L2 por meio do contato constante e do uso variado dessa língua pode ser um fator igualmente importante” (SLABAKOVA, 2016, p.96, tradução nossa) . Significa que, para atingir uma boa proficiência na língua alvo, a criança precisa ser exposta a L2 o máximo possível. Esse input deve ser bom tanto em qualidade quanto em quantidade. Quando as crianças têm um bom input no começo da vida, elas tem chances maiores de se tornarem nativas ao idioma, principalmente no quesito da pronúncia; as que começam o contato com a L2 de 0 a 6 anos mostram melhores resultados no desenvolvimento da L2 como Slabakova (2016, p.96, tradução nossa) diz: “A morfologia e a sintaxe parecidas com as do nativo são mais prováveis se a L2 foi adquirida entre as idades de 0 e 6 anos, mas altamente improváveis após a metade da adolescência”. Ainda de acordo com Slabakova (2016, p.103) : “A idade de aquisição é certamente de grande importância, mas o input linguístico pode se sobrepôr à sua importância na realização e manutenção da competência linguística nativa.”. O tempo de exposição na língua alvo é algo que deve ser considerado um aspecto importante assim como a idade de aquisição para o desenvolvimento da L2.

¹⁷ Citação original: ““In a nutshell, the idea is that the more the native language grammar is established (entrenched) in the learner’s mind/brain, the more difficult comparable acquisition of a second language becomes.” (SLABAKOVA, 2016, p.90).

Inglês e Educação Bilíngue para Crianças.

EDUCAÇÃO BILÍNGUE
BRASILEIRA

Nas escolas, o inglês sempre foi tratado como uma matéria comum, começando no Ensino Fundamental, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) determina: “Em relação ao bilinguismo, a BNCC consagra a língua inglesa como única língua estrangeira obrigatória na área de Linguagens nos anos finais do Ensino Fundamental II e no Ensino Médio” (CNE, 2020, p.08). Algumas escolas particulares começaram a contratar escolas de inglês para ensinar o idioma e anos mais tarde muitas escolas bilíngues começaram a surgir, buscando aprimorar o ensino de inglês e integrar a qualidade e a eficiência do ensino regular como diz Marcelino (2009, p.2): “Essa tendência parece ter sido um momento de transição, uma tentativa de escolas regulares melhorarem o ensino do idioma, até então considerado ineficiente por motivos diversos [...]”. Hoje no Brasil vivemos um grande crescimento relacionado à educação bilíngue. Esse crescimento tem acontecido especialmente entre as escolas particulares, de acordo com o Conselho Nacional de Educação (CNE; 2020) e precisa ser seriamente debatido uma vez que precisamos oferecer as mesmas oportunidades em ambos os setores, público e privado, considerando que “[...] 80% dos estudantes brasileiros da educação básica estão matriculados em escolas públicas.” (CNE, 2020, p.8). Com esse rápido crescimento acontecendo apenas em escolas privadas a “[...] Educação Bilíngue voltada para alunos das classes dominantes, entende-se uma Educação quase sempre de caráter elitista [...]” (MEGALE, 2019, p.15), é preciso ter cuidado para que a educação bilíngue não se transforme em uma educação excludente para quem não tem acesso, aumentando ainda mais a desigualdade em nosso país.

Essa nova tendência tem sido vista como algo positivo pelos pais, especialmente para aqueles que são bilíngues e querem criar uma criança bilíngue, como Byers-Heinlein e Lew-William (2013, p.95, tradução nossa) mencionam: “pais bilíngues expressam seu desejo de criar crianças bilíngues dinâmicas e proficientes”. Os pais veem uma boa oportunidade para seus filhos estudarem em um ambiente bilíngue, onde eles podem desenvolver a L2 desde cedo e ao

¹⁸ Citação original: “Maintaining full and diverse linguistic input in the L2 through constant contact and varied usage of that language can be an equally important factor” (SLABAKOVA, 2016, p.96)

¹⁹ Citação original: “Nativelike morphology and syntax are most likely if the L2 was acquired between the ages of 0 and 6, but highly unlikely after the mid-teens” (SLABAKOVA, 2016, p.96).

²⁰ Citação original: “Age of acquisition is certainly of great importance, but the linguistic input may override its importance in the achievement and maintenance of nativelike linguistic competence” (SLABAKOVA, 2016, p.103).

mesmo tempo receberem uma educação de qualidade. Por esse motivo muitas escolas bilíngues estão sendo abertas ou escolas existentes estão introduzindo um sistema bilíngue em seu programa educacional. Essas novas escolas surgem com a proposta de fazer as crianças serem bilíngues desde as idades iniciais, procurando ir de encontro com a expectativa dos pais, mas de acordo com Meagle (2019, p.7): “O crescimento local no campo de ação resultou em escolas bilíngues mal geridas, sem a compreensão necessária da teoria e da prática do bilinguismo e da Educação Bilíngue.”.

A educação e cuidados na primeira infância (ECEC, sigla em inglês) surge com o intuito de desenvolver a língua inglesa na primeira infância. Cada ECEC oferece um programa bilíngue diferente, mas cada um garante que as crianças falem inglês mais rápido, mais cedo e melhor do que um adulto que aprende a língua mais tarde. Mas a forma como esses programas desenvolvem a língua inglesa na educação infantil é o que tornará um processo bilíngue bem-sucedido ou não. Há alguns meses, não havia nenhuma regulamentação sobre programas bilíngues no Brasil, o que resultou em muitos tipos de escolas bilíngues que promovem a educação por meio da língua inglesa. Nesse ano, o CNE publicou as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Bilíngue para definir as diretrizes desse tipo de ensino devido ao crescimento das escolas bilíngues, como diz o próprio documento: “Em razão do crescimento exponencial de escolas bilíngues pelo país, o CNE passou a receber reiteradas solicitações sobre a necessidade de normatização” (CNE, 2020, p.03). Esse é um momento histórico para a educação bilíngue brasileira e o novo documento é um grande avanço para os profissionais e pesquisadores da área. Existem muitos profissionais discutindo essas diretrizes, mas é necessário reconhecer que é um avanço nesse campo uma vez que até o momento não havia nada relacionado a isso. Esse recente documento traz alguns requerimentos básicos com a proposta de regulamentar escolas bilíngues e escolas internacionais.

²¹ Citação original: “bilingual parents are vocal in their desire to raise proficient, dynamic bilingual children” (BYERS-HEINLEIN; LEW-WILLIAM 2013, p.95)

A primeira cláusula traz algumas instruções para escolas internacionais. Para ser considerada uma escola internacional, deve seguir o currículo do país de origem, e respeitar as diretrizes do currículo brasileiro (CNE, 2020). Poucas escolas seguem essas diretrizes, mas também existem escolas que se denominam instituições internacionais, mas não utilizam um currículo estrangeiro. Escolas que tem essa atitude costumam subir o valor de suas mensalidades para atingir classes mais altas, como Megale (2009, p.15) também afirma: “[...] Instituições de ensino monolíngues regulares modificaram sua proposta curricular para que fossem nomeadas escolas bilíngues e, com isso, atingissem maior parcela da população brasileira de alta renda”. Na segunda cláusula há instruções para escolas bilíngues. Começa por dizer que “Escolas bilíngues se caracterizam por promover rotinas de imersão cultural e linguística na segunda língua, observando” (CNE, 2020). Há uma sugestão de quanto tempo uma criança deve ser exposta a uma segunda língua, por exemplo, na primeira infância esse tempo deve ser de, pelo menos, $\frac{3}{4}$ de hora (CNE, 2020). O documento também diz que a segunda língua deve ser utilizada com o ensino de disciplinas e não apenas ensinada sua estrutura linguística, mesmo aspecto que Megale (MEGALE, 2019, p.22) discute em seus estudos:

É importante ressaltar que, dessa perspectiva, não se compreendem como Educação Bilíngue programas nos quais a língua adicional é ensinada como matéria e não utilizada para fins acadêmicos, ou seja, para a construção de conhecimentos em áreas diversas.

A cláusula das escolas bilíngues encerra dizendo que o tipo de bilinguismo utilizado pelas escolas não pode promover apenas o enriquecimento de uma língua, uma vez que se pode perder o desenvolvimento da outra. Essas determinações para escolas bilíngues são realmente importantes, uma vez que algumas escolas adicionam o ensino da língua inglesa em seu currículo por uma hora por dia, ensinando apenas as estruturas da língua com métodos tradicionais, sem o real uso da L2, que deve ser apresentada em diferentes contextos para as crianças, adicionando novos conhecimentos e aspectos culturais. Como Marcelo Marcelino (2009, p.10) mostra em seus estudos: “A escola bilíngue deveria ser sempre vista essencialmente como uma escola, com objetivos de uma escola, focada na educação, não como um instituto de idiomas aumentado”. Megale (2019, p.23) também defende a ideia de que a educação bilíngue precisa ser compreendida como o “desenvolvimento multidimensional das duas ou mais línguas envolvidas, a

promoção de saberes entre elas e a valorização do translinguar como forma de construção da compreensão de mundo de sujeitos bilíngues.”.

Inglês e Educação Bilíngue para Crianças.



ESCOLAS BRASILEIRAS E SEUS
PROGRAMAS BILÍNGUES

Podemos encontrar algumas escolas bilíngues que contêm um currículo integrado de português e inglês, essas escolas escolhem quais matérias serão ensinadas em português e quais serão ensinadas em inglês. Algumas escolas bilíngues têm um currículo adicional, que geralmente é fornecido por um sistema ou instituição de inglês que oferecem programas bilíngues para escolas regulares. Existem também escolas bilíngues que possuem currículo optativo, no qual os alunos podem optar por complementar seus estudos por meio da língua inglesa em outro período, como aula extra (MEGALE, 2019).

Dois programas bilíngues que são geralmente utilizados pelas escolas para o desenvolvimento de sistemas de ensino da L2, são conhecidos como Conteúdo e Aprendizagem Integrada de Linguagem (CLIL, sigla em inglês) ou Instrução Baseada em Conteúdo (CBI, sigla em inglês). O CLIL é um programa que usa a L2 como meio de ensino, sendo ensinada não só como uma língua, mas também como um meio de lecionar outras disciplinas que trazem conhecimentos diferentes aos alunos, ou seja “[...] quando CLIL é aplicado, a aula deve abranger não só o ensino da L2, como também o de conteúdo de outros componentes curriculares (matemática, história etc.) por meio dessa L2 (SOUZA, 2019, p.48). O CBI é uma abordagem comunicativa, onde o foco é o uso de uma língua. Essa abordagem é usada principalmente por instituições de inglês. O sistema CBI acredita que aprendemos uma língua quando a utilizamos como meio de informação, por isso essa abordagem organiza o ensino a partir dos conteúdos a serem aprendidos e não se concentra na estrutura gramatical da língua (SOUZA, 2019).



CONCLUSÃO

Podemos concluir que o inglês é atualmente a língua mais falada no mundo. Hoje em dia, o inglês está presente em todos os lugares e, ao longo da história, é possível compreender por que a língua inglesa alcançou seu status de língua global. As pessoas se interessam em aprender inglês porque quando nos comunicamos utilizando o inglês podemos entrar em contato com muitas pessoas e diferentes culturas ao redor do mundo, e pode-se conseguir boas oportunidades em nossas vidas profissional e social.

Precisamos deixar claro que a área do bilinguismo é algo relativamente novo, pouco discutido e estudado, e há poucas pesquisas sobre o assunto, principalmente em nosso país. Ainda não existe uma definição para descrever exatamente qual pessoa pode ser considerada bilíngue; acredita-se que um indivíduo bilíngue pode ter desempenhos diferentes em idiomas diferentes e não precisa se sair igualmente bem em ambos. Há muitos tipos de pessoas bilíngues que não devem ser excluídas, sendo que elas podem mostrar habilidades diferentes em línguas diferentes.

O desenvolvimento da segunda língua desde a infância é benéfico para as crianças, não apenas devido ao processo biológico de aquisição da língua, mas também porque a L2 pode ser aprendida naturalmente enquanto a L1 é adquirida. Crianças não prestam atenção no seu desenvolvimento de linguagem e não fazem esforço para adquirir uma língua, elas desenvolvem a L1 inconscientemente e isso também ocorre quando a L2 é apresentada mais cedo em sua vida, o aprendizado ocorre da mesma maneira que o aprendizado da L1. O inglês na primeira infância tem sido uma oportunidade para as crianças crescerem em contato com duas línguas e culturas diferentes. Aprender uma segunda língua cedo é um avanço para as crianças, pois elas estão na idade de desenvolvimento linguístico. Como mencionado antes, as crianças adquirem a L2 da mesma forma que a L1, aprendem brincando, interagindo com o ambiente, com professores, amigos e família. As crianças têm mais chances de se tornarem nativas a língua do que os adultos caso a L2 for mantida e utilizada durante toda a vida.

Escolas bilíngues começaram a surgir devido à necessidade de oferecer uma nova forma de ensinar o inglês, melhorando na qualidade e na eficiência do ensino. Para ser considerada bilíngue a escola precisa, fornecer, pelo menos, o ensino em duas ou mais línguas, as escolas bilíngues podem integrar o ensino regular com o aprendizado do inglês em diferentes contextos. Escolas que oferecem mais tempo ou a mesma quantidade de input nos dois idiomas podem ser melhores para as crianças que querem se tornar nativas na língua, mas é claro que o contato com a língua inglesa precisa ser mantido não só na escola, mas sempre que possível uma vez que quanto mais a criança entre em contato com a L2, melhor. Se uma criança for exposta à língua-alvo em um programa bilíngue apropriado, ela obterá bons resultados, mas se a exposição ocorrer em programas bilíngues inadequados, nos quais a criança é exposta a língua-alvo apenas por curtos períodos por dia, aquela criança terá inputs fracos em qualidade e quantidade e, conseqüentemente, o mau desenvolvimento da L2. Isso não significa que os programas ou projetos que desenvolvem a L2 em um curto espaço de tempo não sejam bons, já que qualquer contato com uma segunda língua desde cedo auxilia no desenvolvimento linguístico das crianças; mas precisamos deixar claro que, se a criança for exposta por um curto período à língua-alvo, é improvável que ela alcance uma proficiência ao nível nativo, algo que os pais aspiram ao escolher uma educação bilíngue.

Desde que abriram, algumas escolas bilíngues e internacionais fazem um grande esforço para manterem seus currículos respeitando os padrões brasileiros e o compromisso com a educação bilíngue; por outro lado, algumas escolas ainda estão tentando adaptar seus currículos a esta nova tendência. Atualmente, diferentes tipos de programas bilíngues são oferecidos pelas escolas e cabe aos pais conhecer cada programa oferecido para que possam identificar qual pode ser melhor para criar uma criança bilíngue com bom desenvolvimento L1 e L2.

REFERENCIAS

BILINGUALISM. In Cambridge Dictionary Online. Available:

[Clique Aqui!!!](#). Accessed: 2020.09.19.

Brasil, Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação. São Paulo, SP: Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Bilíngue, 2020. Available:

[Clique Aqui!!!](#)

BRITISH COUNCIL (org). Early Childhood Education in English for Speakers of Other Languages. London: 10 Spring Gardens, 2016.

BYERS-HEINLEIN, Krista; LEW-WILLIAM, Casey. Bilingualism in the Early Years: What the Science Says. In LEARN (org). Early Childhood Education: Successes and Challenges. Canada: LEARNING Landscapes, Vol. 7, No. 1, Autumn, 2013.

CRYSTAL, David. English as Global Language. 2nd ed. New York: Cambridge University Press, 2003.

GROSJEAN, François. Studying Bilinguals. New York: Oxford University Press, 2008.

GROSJEAN, François; BYERS-HEINLEIN, Krista. The Listening Bilingual: Speech Perception, Comprehension, and Bilingualism. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, INC, 2018.

MARCELINO, Marcello. Bilinguismo no Brasil: significado e expectativas. Revista Intercâmbio, volume XIX: 1-22 2009. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x.

MEGALE, Antonieta (org.). Educação Bilíngue no Brasil. São Paulo: Fundação Santillana, 2019.

MURPHY, Victoria A.; EVANGELOU, Maria. Introduction. In British Council (org). Early Childhood Education in English for Speakers of Other Languages. London: 10 Spring Gardens, 2016.

PINTER, Annamaria. Children Learning Second Languages. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011.

SLABAKOVA, Roumyana. Second Language Acquisition. New York, NY: Oxford University Press, 2016.

SOUZA, Renata Condi. Metodologias para a Educação Bilingue. In MEGALE, Antonieta (org.). Educação Bilíngue no Brasil. São Paulo: Fundação Santillana, 2019.



Karoline Salles

Formada em **Pedagogia**.

Pós-graduada em **Língua Inglesa e Literatura** pela Universidade Mackenzie.

Vivência no **exterior**.

5 anos de experiência na área da **Educação**.